

Percorrendo os (des)caminhos da produção de uma tese a partir da Clínica Psicodinâmica do Trabalho

Tatiana Cardoso Baierle

De que valeria a obstinação do saber se ele assegurasse apenas a aquisição dos conhecimentos e não, de certa maneira, e tanto quanto possível, o descaminho daquele que conhece? Existem momentos na vida onde a questão de saber se se pode pensar diferentemente do que se pensa, e perceber diferentemente do que se vê, é indispensável para continuar a olhar ou a refletir. Talvez me digam que esses jogos consigo mesmo têm que permanecer nos bastidores; e que no máximo eles fazem parte desses trabalhos de preparação que desaparecem por si sós a partir do momento em que produzem seus efeitos (FOUCAULT, 1984, p. 13).

APROXIMAÇÕES

A discussão aqui proposta tem o objetivo de compartilhar uma narrativa sobre as entrelinhas da produção de uma tese que, como nos fala Foucault na citação acima, desaparecem uma vez o trabalho concluído. Os relatos de pesquisa apresentam, via de regra, uma trajetória linear, como se a produção de conhecimento excluísse o inesperado, os necessários desvios e a criatividade inventiva, que assim como a inteligência astuciosa¹, torna possível o trabalho.

Esta escrita visa problematizar e discutir a produção acadêmica nos (des)caminhos que se apresentam nos percursos teóricos e metodológicos e no encontro com o campo de pesquisa. Pensar a produção de uma tese como trabalho, sujeito aos desafios do encontro com o real². Nesse sentido, serão apresentados alguns aspectos deste processo de produção, do ponto de vista das implicações como pesquisadora-psicóloga.

¹ Trata-se de uma inteligência transgressiva, que envolve o corpo e a mobilização subjetiva. Mendes (2007), a partir da perspectiva de Dejours (1992; 1994), explica que as regras de trabalho construídas pelos trabalhadores e que não estão de acordo com a organização formal do trabalho são geradas para vencer as dificuldades e obter o resultado esperado, de forma mais eficiente e segura.

² O real do trabalho é apresentado por Ferreira (2013), a partir da concepção da Psicodinâmica do Trabalho, como “[...] caracterizado por situações imprevistas que ultrapassam o domínio técnico e o conhecimento científico.” Nesse entendimento, o real do trabalho vai sempre desafiar a inventividade do fazer humano.

Penso na construção de uma pesquisa como um lançar-se ao desconhecido, no sentido de que o caminho nem sempre é novo ou inédito, mas a trajetória e o porto são, com certeza, sempre únicos. Isso ocorre porque a leitura e a expressão são singulares - mesmo que, por aqui, outros já tenham passado.

Agrada-me a proposta de uma bricolagem, de não seguir em uma direção linear. Em algum ponto do doutorado, passou a fazer sentido a ideia de que a construção de uma tese só seria possível na amarração, na conexão de diferentes aspectos teóricos e práticos. Considero que não se faz produção de conhecimento, na repetição do mesmo. Entendo que a proposta de ineditismo e originalidade que deve estar presente em um estudo de doutoramento emerge da/na perspectiva de costuras e colagens, que possibilitem um pensar 'diferentemente', que habita o lugar da invenção possível no encontro de teorias e práticas.

A tese em questão teve como tema o trabalho na Segurança Pública, mais especificamente na Polícia Civil do Rio Grande do Sul, em sua relação com a subjetividade. Envolveu a discussão sobre aspectos que transversalizam os processos de trabalho, nesse espaço, produzindo modos de subjetivação e condições de possibilidade na esteira da produção de vida.

A busca foi direcionada para identificar onde se localiza a potência de vida no trabalho na Polícia Civil. Em princípio, a polícia é uma organização de 'linhas duras' ou molaes³, sendo que as dificuldades para trabalhar estão relatadas em diferentes estudos (ANCHIETA, 2011; HAGEN, 2006; MINAYO, 2003). Acredito, contudo, que todo trabalho oferece brechas, mesmo nas instituições mais tradicionais, com estruturas rígidas. Então, o questionamento central teve como foco: Por onde é possível entrever a vida neste trabalho?

Não se trata de um otimismo artificial ou uma lógica motivacional. Também não se pretendia oferecer mecanismos perversos, para modos de gestão que priorizam o controle sobre o sujeito. Trata-se, aqui, da problematização sobre o dualismo entre as satisfações e as dores do/no trabalho. Assim como temos infindáveis cores entre o preto e o branco, entre as vivências de prazer e de sofrimento no trabalho, devemos buscar os agenciamentos de possíveis, que permitam a (re)invenção da vida.

³ No sentido expresso por Deleuze e Guattari (1997). Molar são as linhas duras, rígidas, são segmentariedades inerentes a macroestruturas com funcionamento mecânico. Molar se apresenta como cristalização do território, territorializado, demarcado, estratificado (oferece segurança). Em oposição, temos o molecular, que diz respeito às linhas moles, flexíveis, com funcionamento processual e marcado pela incerteza. Então, aqui entendemos a linha dura como fixa, que assume qualidade totalizante, da ordem do macro. E o molecular como fluxo, como movimento, que atravessa o molar, da ordem do micro, que tem a capacidade de sobrecodificar.

O grupo de pesquisa de minha vinculação, Laboratório de Psicodinâmica do Trabalho – UFRGS, tem produzido diferentes estudos com categorias profissionais diversas. A maioria das pesquisas realizadas no Laboratório abordam questões relativas aos trabalhadores do Serviço Público em distintos âmbitos (LAZARIN, 2003; MAGNUS, 2009; BOTTEGA, 2009; BECK, 2010; TRENTINI *et al.*, 2010; BOSCO, 2013; TRAESEL, 2014).

No sentido da inserção do Estudo aqui abordado, no contexto do LPdT, merecem destaque as pesquisas realizados junto aos operadores de segurança pública. Na esfera da Polícia Militar, Spode (2006) explorou a realidade de trabalho de capitães e Müller (2012), realizou estudo com o Pelotão de Operações Especiais. A Guarda Municipal de Porto Alegre foi centro dos meus estudos (BAIERLE, 2007) e de Castro (2010).

SOBRE TRABALHO, SAÚDE E SUBJETIVIDADE

Vivemos em uma sociedade na qual os processos de trabalho são fatores de subjetivação. Nesta perspectiva, o trabalho engendra fios de adoecimento, mas também fios de potência e vida. O adoecimento diretamente ligado aos processos e à organização do trabalho existe e deve ser denunciado. Diante da identificação de fatores geradores do adoecimento e de estagnação da vida, parte-se para

discutir o que é possível fazer. Desse modo, entende-se, como fundamental, a reflexão da Psicologia, sobre a relação do sujeito com seu trabalho e os atravessamentos oriundos deste encontro.

Sendo o trabalho um campo de central importância na sociedade contemporânea, este se constitui como espaço de produção ou de agravos à saúde. O trabalho não pode ser considerado como uma dimensão à parte na vida dos sujeitos, como discutido por Schlindwein (2013, p. 431):

A função social do trabalho realiza, ao mesmo tempo, a produção de objetos de serviços e a produção de trocas sociais. O funcionamento cognitivo, é preciso aduzir, não está dissociado da vida fisiológica, afetiva ou social, pois não são contextos exteriores separados.

Justifico assim a escolha, por direcionar a ênfase da pesquisa realizada para os modos de trabalhar em relação com os processos de subjetivação. Isso é distinto; porém, engloba a questão saúde e trabalho. Com esta proposição, retomo a discussão de Nardi e Tittoni (2011, p. 375):

A análise da relação entre subjetividade e trabalho busca compreender os modos como os sujeitos vivenciam e dão sentido

às experiências de trabalho, assim como a forma que as relações de trabalho produzem determinados modos de constituição dos sujeitos.

Olhar o trabalho com esta lente implica também pensar a saúde do trabalhador, porém entendendo-a como produção que se dá no jogo de forças, estabelecido nos modos de trabalhar, gestionar, administrar e produzir. Isso significa tecer análises, considerando o encontro do sujeito com o trabalho, o que implica considerar as forças que transversalizam essas relações, produzindo múltiplos sentidos.

Determinadas ocupações profissionais marcam, de modo especial, os processos de subjetivação dos seus trabalhadores - é o caso da atuação na Polícia Civil. Como afirma Minayo (2003, p. 164): “[...] certos processos identificatórios produzidos pelo trabalho de determinadas categorias profissionais são tão marcantes que constituem ‘um modo de ser’, que se expressa num *ethos* próprio”.

Deve-se, assim, a escolha do campo e a opção por esta temática, por acreditar que não é possível fazer ou pensar políticas públicas de segurança, sem discutir os dispositivos de subjetivação, implicados no cotidiano de trabalho dos policiais.

Esses profissionais são os operadores dessas políticas, onde a vida acontece no real do trabalho.

SOBRE O CAMPO DE INSERÇÃO

O estudo do entrelaçamento da relação entre subjetividade e trabalho, na área da Segurança Pública, tem sido foco de interesse ao longo de minha trajetória acadêmico-profissional. Nos estudos anteriores (BAIERLE, 2002; 2007; BAIERLE; MERLO, 2008), a atenção foi centrada nos operadores de segurança em nível municipal, ou seja, nos guardas municipais. Neste momento, a proposta envolveu servidores da Polícia Civil do Rio Grande do Sul.

A opção por esse segmento policial está ligada ao interesse em refletir sobre esse trabalhador, que tem outorgado, pelo Estado, o poder de polícia, sem ter o atravessamento da hierarquia militar. Soma-se ainda o indicativo de haver uma carência de estudos sobre esses trabalhadores, como referido por Anchieta *et al.* (2011).

Considero fundamental o envolvimento da Psicologia nos debates sobre segurança pública, por contribuir com o conhecimento sobre a subjetividade humana, a partir de um 'território' emblemático, no que diz respeito às

transversalidades no cotidiano de trabalho. Tecer análises neste território implica em considerar o jogo de forças e a produção que se dá no encontro entre o sujeito e a máquina produtiva.

No Brasil, Segurança Pública é, muitas vezes, reduzida e entendida como sinônimo de Polícia. Embora as organizações policiais sejam parte importante deste conjunto, Segurança Pública vai muito além da polícia. Deve envolver um conjunto de ações de diferentes atores (Estado, ONGs, sociedade etc.), com o intuito de garantir a tranquilidade pública.

Na estrutura do Estado, tem-se uma fragmentação em termos de âmbito e competência de atuação dos organismos policiais. Este fato mostra-se como um desafio para o avanço de uma atuação democrática e comprometida com os interesses sociais por parte das corporações.

Para pensar em transformações nas corporações policiais e nos modos de fazer segurança pública, é imprescindível olhar para o sujeito trabalhador desse território de atividades laborais, o policial. Entre a discussão sobre novos rumos, em termos de políticas públicas de segurança, e a sua operacionalização estão, entre outros atores, os policiais. Portanto, discutir os dispositivos de subjetivação que operam no cotidiano de trabalho destes sujeitos se faz necessário.

O trabalho sempre terá impacto sobre a subjetividade e, portanto, sobre a saúde do trabalhador. Isso se constata ainda mais, quando se trata de um trabalho com cotidiano de risco e contato direto com a crueza da vulnerabilidade social e da violência, em suas diferentes faces.

Os estudos sobre as polícias, do ponto de vista da subjetividade e da saúde no trabalho, identificam ser este um espaço próprio à produção do desarranjo da vida e do adoecimento. (AMADOR, 2002; MINAYO, 2003; BAIERLE, 2007; ANCHIETA *et al.*, 2011; MÜLLER, 2012). Considerando que as polícias não deixarão de ser necessárias em nossa sociedade e que pessoas continuarão, portanto, desenvolvendo este *métier*⁴, a proposição da pesquisa realizada envolveu a busca por identificar onde se localiza a potência de vida no trabalho da Polícia Civil.

O INÍCIO

Partindo dos estudos realizados para o Mestrado, na perspectiva *strictu-sensu* da Psicodinâmica do Trabalho, trouxe para o doutorado algumas inquietações. A intenção inicial era a de aprofundar algumas discussões sobre as possibilidades desta proposta teórica e metodológica.

⁴ Em francês, utiliza-se *métier* para designar tanto as atividades profissionais intelectuais como as artesanais. O sentido do termo traz implicado um conjunto de saberes e de saber-fazer (REY, 2006).

Com este foco, o projeto inicial, para ingresso no Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional (UFRGS), teve como tema: A Psicodinâmica do Trabalho como instrumento de intervenção em saúde no âmbito da segurança pública. A proposta já transitava pela temática subjetividade e trabalho; porém, sinalizava a intenção de pesquisar as possibilidades teórico-metodológicas da Clínica Psicodinâmica do Trabalho, como ferramenta de promoção de saúde no trabalho.

SOBRE A PSICODINÂMICA DO TRABALHO

A pesquisa em Psicodinâmica do Trabalho está conectada à clínica do trabalho (MENDES, 2007; ROSSI, 2010). O foco desta Clínica está na análise dinâmica dos processos psíquicos, mobilizados pela confrontação do trabalhador com a realidade do trabalho. Essa perspectiva considera que os conflitos surgem do choque entre a realidade do trabalho e a subjetividade do sujeito, sendo que essas esferas se afetam mutuamente. Busca acessar aos processos de subjetivação e aprender a mobilização e o engajamento subjetivo: “Desse modo, a clínica do trabalho significa estudar o processo de construção da subjetividade nos contextos de trabalho” (MENDES, 2007, p. 58).

De acordo com Karam (2010, p. 56), a clínica psicodinâmica do trabalho é uma clínica política. Coloca-nos frente a um desafio que é, ao mesmo tempo, teórico, prático e ético. Nas palavras da autora: “Essa clínica não é o prêt-à-porter que as empresas esperam dos pesquisadores [...] ela é revolução permanente [...]”.

Conforme Merlo (1999), a pesquisa em Psicodinâmica do Trabalho centra a investigação na normalidade e não na doença, procurando compreender como os trabalhadores conseguem não adoecer ou enlouquecer frente às pressões cotidianas. Com isso, busca romper com o modelo causal médico-biológico, balizado pela doença, reforçando os mecanismos de luta e resistência desenvolvidos por estes sujeitos trabalhadores, que se traduzem nas estratégias defensivas.

O objetivo é dirigido essencialmente para a vivência subjetiva (DEJOURS, 1992, p. 149). O modelo casualista é substituído por um modelo dinâmico, que privilegia as estratégias coletivas e seus ajustamentos. Dejours (1992; 2004), aponta que as estratégias defensivas são suscitadas pelo sofrimento. As estratégias defensivas são uma forma desenvolvida pelos trabalhadores, para minimizar a percepção das pressões do trabalho, geradoras de sofrimento.

A Psicodinâmica do Trabalho mostra que o trabalho é operador fundamental na construção do sujeito, sendo espaço de construção de sentido. Essa teoria traz

importante contribuição para a discussão saúde mental – trabalho, devido à ênfase não apenas no sofrimento, mas também na relação de prazer possível de ser estabelecida com o trabalho. “Na realidade concreta e na vivência individual do trabalho, não se encontram apenas sofrimento, mutilação e morte” (MERLO, 1999, p. 49). Além disso, o fato de visar sempre à coletividade e à organização do trabalho mostra-se fundamental, em contraponto às tentativas de individualização e culpabilização do trabalhador pelo adoecimento no trabalho.

A Psicodinâmica do Trabalho apresenta um instrumental técnico de pesquisa bastante estruturado, com passos bem definidos a serem seguidos: pré-enquete, pesquisa, análise, validação (DEJOURS, 1992; 2004). Por meio desse instrumental, é possível compreender a relação dos trabalhadores com a organização do trabalho, principalmente identificando os mecanismos coletivos e individuais de defesa, empregados para a manutenção do engajamento subjetivo no trabalho. Segundo a Psicodinâmica, é possível ocorrer uma mudança na organização do

trabalho, a partir da construção de um espaço coletivo de troca, entre os trabalhadores, de tal forma que ocorra a perlaboração⁵.

O PERCURSO

Ao longo das disciplinas cursadas no Doutorado, das discussões no Laboratório de Psicodinâmica do Trabalho da UFRGS (LPdT) e do movimento de produção do projeto de tese, fui construindo uma reflexão sobre o fato de não ter exatamente um problema de pesquisa, mas um campo de investigação: a Polícia Civil⁶. Com o doutorado sanduíche, que ocorreu no período de janeiro de 2011 a janeiro de 2012, vinculado à Université Catholique de Louvain, em Louvain-la-Neuve – Bélgica, sob orientação do Professor Thomas Pérrilleux⁷, os questionamentos se intensificaram.

⁵ O conceito tem origem na psicanálise freudiana (*Durcharbeitung: durch* – travessia e *Arbeit* – trabalho). Seu significado está ligado ao processo de elaboração interpretativa, sendo utilizado por Christophe Dejours no sentido do movimento do coletivo de trabalhadores para a compreensão da organização do trabalho e a abertura em direção a sua ressignificação. Por meio da Perlaboração é possível aos trabalhadores, retomar a capacidade de pensar e sentir sobre o trabalho (MARTINS, 2013).

⁶ “As Polícias Civis são os órgãos do sistema de segurança pública aos quais competem, ressalvada competência específica da União, as atividades de polícia judiciária e de apuração das infrações penais, exceto as de natureza militar” (BRASIL SENASP, 2014).

⁷ Sociólogo, Professor da Universidade Católica de Louvain, Bélgica. Doutor em Sociologia, Membro do Laboratório Globalização, Instituição, Subjetivação e Pesquisador Associado ao Grupo de Sociologia Política e Moral.

O estágio doutoral oportunizou a circulação entre Bélgica e França, e o contato com professores de referência internacional, que pesquisam e atuam na área das Clínicas do Trabalho⁸. A interlocução com esses pesquisadores trouxe elementos para (re)pensar o projeto de tese. Desse modo, ampliaram-se as inquietações com relação ao problema de pesquisa e à Clínica Psicodinâmica do Trabalho.

A Psicodinâmica do Trabalho traz, em seu bojo, uma proposta muito interessante, ao centrar seus estudos na normalidade e não na patologia. Nessa perspectiva, sempre pretendi trabalhar com uma questão preventiva em termos de saúde mental e trabalho. Importante destacar que a Psicodinâmica do Trabalho constitui-se como campo teórico-metodológico, ou seja, propõe um método de pesquisa-ação que está apoiado por uma concepção teórica e epistemológica. Caracteriza-se como pesquisa-ação (DEJOURS, 1992; 2004), com funcionamento orientado para a mobilização do trabalhador, por meio da palavra, para a transformação e implicando o envolvimento participativo dos sujeitos da pesquisa.

⁸ Conservatoire National des Arts et Métiers (CNAN) – Professores Christophe Dejours, Yves Clot, Dominique Lhuillier e Eric Hamraoui – e à Universidade Paris XIII – Professoras Pascale Molinier e Malika Litim.

Esse ponto foi se construindo como um tensionamento, pois meu entendimento sobre a Psicodinâmica do Trabalho, sempre foi como pesquisa-intervenção. Ao pensar sobre a questão de pesquisa, tomei essa inquietação como orientação. Desse modo, o campo estava definido (a Polícia Civil) e serviria como cenário para refletir e discutir sobre a proposta da pesquisa em Psicodinâmica do Trabalho.

Deste modo, o projeto de tese encaminhado para qualificação apresentava como questões: É possível entender a psicodinâmica do trabalho como pesquisa-intervenção? Quais são as aproximações e impedimentos teóricos, epistemológicos e práticos para tanto?

PESQUISA-AÇÃO OU INTERVENÇÃO?

Embora comumente tomadas como sinônimos, pesquisa-ação e pesquisa-intervenção implicam em pressupostos diferenciados. Ambas se amparam nas formulações das pesquisas participativas, que se opõem à lógica positivista de ciência, amparada na dicotomia entre teoria/prática e sujeito/objeto (ROCHA; AGUIAR, 2003; PAULON, 2005; ROCHA, 2006). A pesquisa participativa exige um deslocamento na postura de pesquisador e pesquisados, quebra com a ideia de objetividade e hierarquia de saberes. Nesta perspectiva, a produção de conhecimento se dá no encontro entre o saber do pesquisador e o saber dos

sujeitos participantes da pesquisa (ROCHA; AGUIAR, 2003). Desse modo, a pesquisa participativa vai colocar em associação o pesquisador e o campo de pesquisa.

A pesquisa-ação referencia-se na Psicossociologia (em sua vertente norte-americana) e entende o sujeito de pesquisa como ativo no processo de produção de conhecimento. O planejamento das ações, tanto de investigação como de ação, para a mudança, envolve aspectos importantes que norteiam a pesquisa-ação. Desdobrando o termo, é possível dizer que a pesquisa-ação é um modo de investigação que utiliza técnicas de pesquisa (entrevista, observação, dinâmicas) visando uma ação de transformação sobre a prática cotidiana, que passa pela conscientização dos sujeitos (ROCHA; AGUIAR, 2003; TRIPP, 2005).

A pesquisa-intervenção, por sua vez, tem seu referencial calcado na Análise Institucional Francesa. Trabalha em uma perspectiva micropolítica, na busca ativa da construção de um campo de problematização (ROCHA, 2006). Entende a pesquisa como ato político, de crítica à concepção positivista de ciência e pesquisa. Nesse sentido, opera na busca de desnaturalizar a relação pesquisador-campo/objeto de conhecimento. Passos e Barros (2000) destacam que, para além da proposição da pesquisa-ação, de colocar o pesquisador no campo, considerando mútuas influências, o que entra em questão na pesquisa-intervenção é a noção de implicação. Desfaz-se a dicotomia sujeito/objeto, uma vez que ambos se produzem,

simultaneamente. O que existem são processos de subjetivação e objetivação. Nas palavras de Paulon (2005, p. 22):

Não mais numa relação dialética de mútua interferência, mas a partir de uma perspectiva na qual já não se trata da melhor forma de apreender sujeito e objeto, mas de como acompanhar processos de subjetivação que se objetivam e corporificam não necessariamente em sujeitos individuados. O problema de pesquisa assim compreendida passaria a ser formulado em termos de como acompanhar as diversas expressões dos processos de singularização.

UMA CURVA

A partir do momento da qualificação do projeto de tese, em abril de 2012, as questões inicialmente colocadas como condutoras foram se transformando, e, por consequência, o mesmo ocorreu com o problema e os objetivos de pesquisa. Os questionamentos lançados pelas professoras participantes da banca reverberaram e reorientaram o sentido do estudo, que migrou de uma pesquisa com foco na Psicodinâmica para uma pesquisa com foco nos trabalhadores da segurança pública e nos atravessamentos produzidos desde os processos de trabalho neste campo.

Essa mudança ocorreu por perceber que a proposta, como estava apresentada, encaminhava a tese para um estudo teórico, sendo que não era essa a minha intenção. O plano do doutorado e, portanto, da tese, nunca passou por um estudo exclusivamente teórico. O campo apresentava-se como direcionamento desde o início, como o grande orientador da produção. Percebi, então, que o foco estava no trabalho e no trabalhador da Segurança Pública. Sendo assim, em função de concepções teóricas e pessoais, a escolha seguiu outro rumo.

Houve, então, um redirecionamento teórico da pesquisa, com a associação entre saberes da área da Psicodinâmica do Trabalho e da Esquizoanálise. Esta relação foi se evidenciando, a partir de meu percurso acadêmico-profissional e de vida – digo isso, porque entendo que não separamos a construção cotidiana de vida de nossos posicionamentos epistêmicos. A associação é, portanto, coerente com a importância que atribuo aos processos de subjetivação e aos atravessamentos de um cenário mais amplo, no qual esses trabalhadores estão inseridos. O trabalho é produção e essa produção não acontece ‘em qualquer lugar’, mas em territórios subjetivos que precisam ser compreendidos. Pretendo, com isso, a produção de um conhecimento que auxilie no sentido de potencializar o surgimento de melhores condições de trabalho e de vida, para os profissionais envolvidos. Deste modo, também tenho a intenção de contribuir para as discussões sobre a Polícia Civil como organização, partindo da premissa de que melhorias nas condições de

trabalho dos policiais podem implicar em melhorias na qualidade dos serviços prestados à população.

SOBRE A ESQUIZOANÁLISE

A Esquizoanálise está ligada à Filosofia, mas também à Política, a militância, à Psicologia, à Biologia, à Geografia. Enfim, constitui-se na interface e na multiplicidade de diferentes saberes. Como afirma Baremlitt (2003, p. 4), consiste em “um saber que tem por objetivo a vida, no seu sentido mais amplo: o incremento, o crescimento, a diversificação, a potenciação da vida”.

A perspectiva teórica traz uma proposta ético-estético-política em seu bojo, para usar as definições de Guattari (1992). A ética está pensada aqui no sentido da alteridade, do encontro com o outro, em uma perspectiva que afirma escolhas e caminhos como potencializadores de vida. Estética, por sua vez, é concebida como a dimensão da criação, no entendimento de que não há conhecimentos universais, mas singulares processos de existência. Já a dimensão da política explicita-se, por operar com a responsabilização perante os efeitos produzidos pelas práticas e posições assumidas (GUATTARI, 1992).

A Esquizoanálise pode ser entendida como uma visão de mundo, uma episteme (BAREMBLITT, 2003). Não se restringe a um modo de entendimento intelectual aplicado a partir de um discurso acadêmico. Diz respeito a uma ética, a uma postura frente à vida, uma postura ativa e implicada com o mundo, em sua perspectiva política. Além disso, entende que o ser humano está em constante devir, tendo a infinita e permanente condição da invenção da vida.

Na proposição de Deleuze e Guattari (1976), a Esquizoanálise propõe um contraponto à Psicanálise, no modo de pensar o desejo e no modo de produção do sujeito psíquico⁹. Na concepção da Esquizoanálise, não existe um modo de produção do sujeito psíquico universal, como está colocado no Édipo, pela Psicanálise. O que ocorre é que o Complexo de Édipo foi de tal forma incorporado a nossa sociedade, que se tornou o modo dominante de produção e entendimento do sujeito psíquico. (DELEUZE; GUATTARI, 1976).

A Esquizoanálise (análise de partes, pedaços, linhas ou estilhaços) poderia ser entendida como uma ética estética de valorização da vida. Seria uma perspectiva e não uma metodologia. Procura valorizar a vida vibrátil e agradável, em sua potencialidade máxima (PERES; BORSONELLO; PERES, 2000, p. 36).

⁹ O lançamento do "O Anti-Édipo", em 1972, pode ser considerado como marco inicial da esquizoanálise, sendo o primeiro livro escrito por Deleuze e Guattari em conjunto.

Seus principais idealizadores foram Gilles Deleuze¹⁰ e Felix Guattari¹¹. O lançamento do livro 'O Anti-Édipo', em 1972, pode ser considerado como marco inicial da Esquizoanálise, tendo sido o primeiro livro escrito por Deleuze e Guattari em conjunto. O livro é uma crítica à Psicanálise, propõe uma ruptura, pois contesta o saber estabelecido pela Psicanálise. Na sua crítica, defende a necessidade de fazer uma desconstrução do pensamento psicanalítico freudiano e ao reducionismo da subjetividade à perspectiva edípica. Os autores afirmam que Freud reduz o inconsciente ao Édipo, desconsiderando todo potencial criativo-produtivo do inconsciente.

A perspectiva teórica traz uma proposta ético-estético-política em seu bojo, para usar as definições de Guattari (1992). A ética está pensada aqui no sentido da alteridade, do encontro com o outro, em uma perspectiva que afirma escolhas e caminhos como potencializadores de vida. Estética, por sua vez, é concebida como a dimensão da criação, no entendimento de que não há conhecimentos universais, mas singulares processos de existência. Já a dimensão da política explicita-se, por operar com a responsabilização perante os efeitos produzidos pelas práticas e posições assumidas (GUATTARI, 1992).

¹⁰ Filósofo francês, nasceu em Paris, em 18 de janeiro de 1925, e morreu na mesma cidade, em 4 de novembro de 1995.

¹¹ Filósofo e psicanalista francês, nasceu em Villeneuve-les-Sablons, Oise, em 30 de abril de 1930, e morreu em Cour-Cheverny, em 29 de agosto de 1992.

DESVIOS

Os estudos sobre o trabalho na Polícia Civil não são novidade e contam com importantes produções, dentre as quais podemos citar Minayo (2003), Hagem (2006) e Anchieta (2011). Então, o questionamento passou a ser o que propor de modo a agregar conhecimento ao que já foi produzido? A busca foi no sentido de encontrar pistas sobre aonde as minhas preocupações levariam a mim e à sociedade, de tal forma a compreender algo realmente sinalizador para um devir conhecimento, um devir mundo do trabalho, para uma contribuição não apenas descritiva, mas efetivamente propositiva de mudança, aliada à mutação dos tempos e do contexto socioeconômico e político e do mundo do trabalho.

Como modo de apreensão do cotidiano de trabalho, a proposta original do projeto de pesquisa trazia, em seu escopo, a realização de observações e entrevistas em duas delegacias de Porto Alegre. As observações seriam registradas em diário de campo, sendo a proposta de acompanhar o cotidiano de trabalho dos policiais diretamente nas delegacias. A partir desse contato, seriam efetuadas as entrevistas individuais semiestruturadas, com os agentes que aceitassem o convite para participar dessa etapa da pesquisa.

O objetivo não era de comparação, mas de expansão do campo de investigação, visando à qualificação da análise. A proposta de acompanhar duas delegacias ia ao encontro de seguir o cotidiano de trabalho não apenas de um estrato dos servidores da polícia, mas abranger as categorias administrativa e operacional.

Na formalização da pesquisa, o projeto foi encaminhado para análise e aprovação da chefia de Polícia Civil do Estado do Rio Grande do Sul. Este procedimento visou à entrada institucional no campo, com o objetivo de não causar desconforto ou questionamentos, quanto ao modo de proceder da pesquisadora, às intenções da pesquisa e ao método a ser utilizado.

A tramitação do projeto e sua análise envolveram um período de tempo maior do que o inicialmente esperado. Ao final desse processo, a pesquisa foi autorizada; porém, não com relação ao acompanhamento cotidiano das delegacias. Foi levantado, como impedimento, foi o fator de risco presente na atividade policial e, por conseguinte, nos espaços das delegacias.

A partir desse resultado, respeitando a limitação estabelecida, optou-se por um redesenho dos procedimentos propostos. O investimento, em termos da inserção no campo, então, foi direcionado para as entrevistas individuais. Deste modo, procedeu-se o contato com diferentes servidores da Polícia Civil, com o objetivo de

convidá-los a participar da pesquisa. Manteve-se o critério de não focar apenas em um segmento dos trabalhadores.

A frustração inicial abriu espaço para a invenção. Caminhos outros se fizeram necessários, sendo este *detour*¹² considerado na construção do campo de análise. Foram entrevistados individualmente sete policiais civis de diferentes espaços de trabalho, sendo dois delegados e cinco agentes¹³. Os trabalhadores entrevistados foram acessados por conveniência, sendo quatro lotados no interior do estado e três em Porto Alegre. Não houve uma intencionalidade em termos de gênero, pois este não era um ponto de foco na discussão pretendida.

As entrevistas não foram gravadas. Esta opção partiu da pesquisadora, por acreditar que o gravador acaba em alguma medida por artificializar o encontro. A proposta da entrevista foi apresentada para os participantes, como sendo um 'conversar sobre'. Neste aspecto, não seria gravada, mas seriam feitas anotações sobre o que estava sendo tratado. As anotações foram feitas de modo que os sujeitos pudessem ler o que estava sendo escrito, se assim o desejassem, visando

¹² "Traçado que desvia do caminho direto; ação de percorrer um caminho mais longo que o caminho direto". Tradução livre do original: "Tracé qui s'écarte du chemin direct [...] Action de parcourir un chemin plus long que le chemin direct" (REY, 2006, p. 378).

¹³ O termo agente é utilizado aqui para designar os policiais que não são os Delegados: escrivães, inspetores e investigadores.

não gerar questões persecutórias. Todos os participantes concordaram com a proposta e indicaram que essa seria uma questão importante, visto tratar-se, nas entrevistas, de assuntos delicados e que o gravador poderia intimidar.

A proposta era de registrar as falas que, no momento da coleta, fossem tomadas como significativas, a partir da impressão primeira sobre a conversa, não o que fosse posteriormente depurado a partir das transcrições. Corre-se o risco de perder expressões? Sim, porém, ganha-se, no sentido da implicação e do impacto do é dito. Pesquisar é correr riscos, entre esses, os atravessamentos da visão/percepção do pesquisador. Esta escolha se mostrou coerente com a orientação da perspectiva metodológica adotada, a Cartografia.

SOBRE CARTOGRAFIA

O método e/ou procedimento¹⁴ da cartografia, é tomado da proposição de Deleuze e Guattari (1995). Trata-se de uma perspectiva que parte da ideia de cartografia da Geografia, sendo empregada no sentido de um processo teórico-metodológico. Rolnik (2006, p. 23) afirma que: Para os geógrafos, a cartografia – diferentemente

¹⁴ Existe uma divergência em relação à cartografia, no que diz respeito a ser um método ou um procedimento metodológico. Essa divergência é abordada por Rosário e Aguiar (2012).

do mapa; representação de um todo estático – é um desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo que os movimentos de transformação da paisagem.

De acordo com Kastrup (2007), a Cartografia é um método que vem sendo empregado nas pesquisas com foco no estudo da subjetividade. Cartografar é acompanhar processos, percorrer caminhos, abrindo-se à experimentação, no entendimento de que toda pesquisa é intervenção (PASSOS; BARROS, 2009).

Da arte, técnica e ciência da elaboração de mapas e cartas, passamos, então, à construção da representação de paisagens psicossociais. Recolher os fios, as narrativas de mundos que permitem a elaboração de um esboço-mapa, no caso, a tese da qual se recorta este artigo. Trata-se de mapa complexo que envolve múltiplas expressões e conexões, ações, intensões e afetos. O proposto vai ao encontro do que Passos, Kastrup e Escócia (2009, p. 10-11) apontam:

[...] a cartografia propõe uma reversão metodológica: transformar o *metá-hódos* em *hódos-metá*. Essa reversão consiste numa aposta na experimentação do pensamento – um método não para ser aplicado, mas para ser experimentado e assumido como atitude. Com isso não se abre mão do rigor, mas este é ressignificado.

Conforme Kirst *et al.* (2003), a cartografia procura extrair as sensações da pesquisa. Neste sentido, Baremlitt (2003) associa a pesquisa cartográfica a uma carta de navegação, sendo objetiva, mas também subjetiva e política. Serve ao propósito de uma viagem singular, única e irrepetível; contudo, é possível que outros se sirvam dela para construírem o próprio percurso. Diferente de ter um projeto fechado com objetivos engessados e uma única direção, no caso da cartografia as direções são múltiplas e o sujeito se deixa guiar pelos fluxos.

No processamento das falas dos policiais, emergiram sinalizadores que foram tomados como categorias de análise. Da mesma forma que o cartógrafo, o pesquisador precisa perder-se para encontrar outros rumos, desviar do caminho inicialmente estabelecido. Deste modo, pode favorecer e permitir a construção do conhecimento de fato, já que pesquisar com o objetivo de chegar no porto já conhecido, estabelecido a priori, não permite a produção inventiva, mas tão somente a reprodução. Nesse sentido, entendemos que é nesta etapa que o pesquisador vai transitar, reterritorializar, não apenas buscar um equilíbrio estático ou avanços a uma verdade pré-determinada (KIRST *et al.*, 2003).

Assim, ao questionar sobre como se organizam os processos de trabalho do policial civil, percebi a emergência do sinalizador Território, com os fios Organização e Relações. Buscando identificar que implicações produzem os modos

de subjetivação nesse campo de atuação profissional, identifiquei o sinalizador Máquina, destacando os fios O Ingresso e O Polícia. Finalmente, ao indagar sobre as possibilidades de produção de vida e a potência nesse ambiente de trabalho, passei a perceber o despontar do sinalizador Movimento e os fios Deslocamento e A(fe)tividade em evidência. Não é o objetivo dessa escrita a discussão sobre os resultados da pesquisa, estes estão abordados em outros artigos.

ENTRELAÇAMENTOS

Não há certeza de onde chegaremos ao delinear uma pesquisa, principalmente quando envolve a pesquisa empírica, o contato direto com outros territórios existenciais. O processo de produção do conhecimento, no percurso do Estudo, teve que ir se ajustando às mudanças da paisagem, no encontro com as engrenagens e as linhas duras, molares. A proposta inicialmente pensada para o percorrer do campo não foi possível. Tal fato interferiu, atrapalhou, mas também constituiu a fabricação das análises. A tessitura do conhecimento aqui apresentado aconteceu no entre, na adequação entre o que se queria inicialmente como campo e desenvolvimento teórico e que foi possível.

Interessante refletir sobre a produção de conhecimento acadêmica como trabalho, como este encontro do sujeito com o real. Em todo o trabalho, a produção

só é possível no investimento, na mobilização subjetiva do sujeito frente ao real. O choque com o real do trabalho expõe a falha e provoca a inventividade. Neste trabalho-produção de conhecimento, não foi diferente.

Se o objetivo do Estudo consistiu em buscar a potência no trabalho do policial, também se fez necessário buscar a potência inventiva na adaptação da pesquisa. Coube-me buscar as linhas de fuga que permitissem saltar para além da armadilha-estrutura, em busca das possibilidades de conexões que permitissem a concretização do estudo.

Neste salto, deparei-me com a necessidade de produção de ajustes, que levaram a um redesenho da questão teórica. Neste redesenho, a passagem de um estudo que iniciou com a perspectiva da Psicodinâmica do Trabalho e foi em busca da potência de expansão da vida, discutida pela Esquizoanálise. Esta associação de saberes, embora entendida como necessária e possível para a produção de novas análises, trouxe o desafio do processamento dos dados coletados, uma vez que não seria possível um retorno ao campo para um novo trajeto.

No processamento das falas dos policiais, resultantes das entrevistas individuais, emergiram sinalizadores, tomados como categorias de análise. Os sinalizadores foram destacados, considerando os objetivos de pesquisa, sendo que, para cada

sinalizador, foi possível puxar alguns fios que constituíram o crochê-escrita, entrelaçados com a perspectiva teórica.

O processamento das falas foi efetivado com sustentação no entrelaçamento teórico, entre a Psicodinâmica do Trabalho e a Esquizoanálise. Essas teorias constituem o saber da pesquisadora, em sua história acadêmico-profissional. Da Psicodinâmica, foram buscados elementos de entendimento da relação do sujeito com os processos de trabalho. Na Esquizoanálise, houve a busca por compreender as produções originadas do encontro com o trabalho nas tramas da complexidade, na direção da expansão da vida. Tem-se, então, o gancho com o acionamento de potência.

Não se trata de negar a importância da Psicodinâmica na compreensão do sujeito em relação com o trabalho e o trabalhar, mas de buscar conexões de sentido na trilha da expansão da vida, considerando a complexificação do mundo do trabalho na Pós-Modernidade. Estão em jogo dois territórios significativos, o mundo do trabalho e a polícia, e a Esquizoanálise parece trazer uma proposta, no sentido do que ousa potencializar a vida. Trata-se de uma leitura de mundo, onde a criação de possíveis se faz presente, mesmo nos contextos mais duros, onde a criação de outros modos de existência se apresenta como porta de saída/entrada para a invenção da vida.

Embora, em um primeiro olhar, esta trama teórica possa causar estranhamento, entendo possível, assim como outros pesquisadores-artesãos (NERI, 2003; ZIEBELL, 2012), realizar este exercício de aproximação. No tensionamento entre perspectivas, há a possibilidade de construção de dispositivo para a produção de análises, na trilha da expansão da potência de intervenção junto ao campo do trabalho.

Pensar o mundo do trabalho e o mundo da polícia implica olhar e refletir sobre dois campos significativos. Na bricolagem de saberes e práticas, entendo estar a possibilidade da construção de conhecimento que permita a passagem da vida e a produção de possibilidades de mudanças e deslocamentos institucionais.

Como reflexão geral, a partir da produção da pesquisa, é possível afirmar que outros olhares com certeza podem produzir outros estudos, identificar outros sinalizadores e puxar diferentes fios, mas esta é a minha possibilidade de trama neste momento. Caminhos investigativos futuros podem ser produzidos no sentido de aprofundar a associação teórica proposta e as possibilidades de acionamento das engrenagens na trilha da potenciação.

A tese foi construída como uma peça de crochê. O crochê é uma trama de linhas realizada com uma agulha especial com um bico encurvado como um gancho,

utilizada para puxar os pontos. Os trabalhos com a técnica do crochê podem ser realizados com qualquer tipo de fio ou material. Tudo depende da peça a ser executada. Nunca aprendi a fazer crochê com fios de linha, mas posso fazer crochê com fios teóricos, fios de vida, fios de trabalho. Esta é uma peça em crochê, ponto a ponto um desenho-escrita vai se formando. Na escolha de fios teóricos, ensaio ligações, pontos de conexão e sentido - produção de conhecimento e de vida.

REFERÊNCIAS

ANCHIETA, V. C. C.; GALINKIN, A. L.; MENDES, A. M. B.; NEIVA, E. R. Trabalho e riscos de adoecimento: um estudo entre policiais civis. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, v. 27, n. 2, p. 199-208, abr./jun. 2011.

BAIERLE, T. C. O que a guarda (a)guarda? 2002. 67 f. Monografia (Especialização em Psicologia Social e Institucional). Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

BAIERLE, T. C. Ser segurança em tempos de insegurança: sofrimento psíquico e prazer no trabalho da Guarda Municipal de Porto Alegre. 2007. 204 f. Dissertação

(Mestrado em Psicologia Social e Institucional) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

BAIERLE, T. C.; MERLO, Á. R. C. Trabalho, saúde mental e subjetividade em uma guarda municipal: estudo em psicodinâmica do trabalho. Cadernos de Psicologia Social do Trabalho, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 69-81, 2008.

BAREMBLITT, G. Introdução à esquizoanálise 2. ed. Belo Horizonte: Biblioteca Instituto Félix Guattari, 2003. 210 p.

BECK, F. L. A dinâmica prazer/sofrimento dos trabalhadores da enfermagem no cotidiano de uma emergência. 2010. 112 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e Institucional) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

BOSCO, C. D. Formas de reconhecimento existentes em trabalhadores da CAGE e a relação com a saúde mental. 2013. 87 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e Institucional) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

BOTTEGA, C. G. Loucos ou heróis: um estudo sobre prazer e sofrimento dos educadores sociais no trabalho com adolescentes em situação de rua. 2009. 201 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e Institucional) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

BRASIL. SENASP. Disponível em: <http://portal.mj.gov.br/main.asp?ViewID=%7B1BFF9F1B-2ECD-4A25-9976-661FB5A66624%7D¶ms=itemID=%7BE16A5BBC-4A90-4C01-88A7-643B4A1DD68C%7D;&UIPartUID=%7B2868BA3C-1C72-4347-BE11-A26F70F4CB26%7D>.

Acesso em: 23 jul. 2014.

CASTRO, T. C. M. Reconhecimento e vida dos guardas municipais: clínica do trabalho na atividade de segurança pública. 2010. 142 f. Dissertação (Mestrado. Psicologia Social e Institucional) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

DEJOURS, C. A metodologia em psicodinâmica do trabalho. In: LANCMAN, S. SZNELWAR, L. (Org.). Christophe Dejours: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2004. p. 105-126.

DEJOURS, C. A loucura do trabalho: estudos de psicopatologia do trabalho. 5. ed. São Paulo: Cortez, 1992. 168 p.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997. v. 5. 240 p.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995. v. 1. 128 p.

FOUCAULT, M. História da sexualidade 2: o uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Graal, 1984. 390 p.

HAGEN, A. M. M. O trabalho policial: estudos da polícia civil do Estado do Rio Grande do Sul. São Paulo: IBCCRIM, 2006. 300 p.

KARAM, H. Desafio para a psicodinâmica do trabalho no Brasil: um ponto de vista. In: MENDES, A. M.; MERLO, Á. R. C.; MORRONE, C. F.; FACAS, E. P. (Org.). Psicodinâmica e Clínica do Trabalho: temas, interfaces e casos brasileiros. Curitiba: Juruá, 2010. p. 53-60.

KASTRUP, V. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. *Psicologia & Sociedade*, Porto Alegre, v. 19, n. 1, p. 15-22, jan./abr. 2007.

KASTRUP, V.; BENEVIDES DE BARROS, R. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Org.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 17-31.

KIRST, P. G.; GIACOMEL, A. E.; RIBEIRO, C. J. S.; COSTA, L. A.; ANDREOLI, G. S. Conhecimento e cartografia: tempestade de possíveis. In: FONSECA, T. M. G.; KIRST, P. G. (Org.). *Cartografias e devires: a construção do presente*. Porto Alegre: UFRGS, 2003. p. 91-101.

LAZARIN, C. C. Carcereiros ou encarcerados: um estudo sobre o trabalho dos auxiliares de enfermagem no Hospital Psiquiátrico São Pedro. 2003. 96 f. Dissertação (Mestrado. em Psicologia Social e Institucional) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2003.

MAGNUS, C. N. Sob o peso dos grilhões: um estudo sobre a psicodinâmica do trabalho em um hospital psiquiátrico público. 2009. 275 f. Dissertação (Mestrado.

Psicologia Social e Institucional) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

MARTINS, S. R. Elaboração (Perlaboração). In: VIEIRA, F. O.; MENDES, A. M.; MERLO, Á. R. C. (Org.). Dicionário crítico de gestão e Psicodinâmica do Trabalho. Curitiba: Juruá, 2013. p. 129-134.

MENDES, A. M. (Org.). Psicodinâmica do trabalho: teoria, métodos e pesquisas. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007. 368 p.

MERLO, Á. R. C. A informática no Brasil: prazer e sofrimento no trabalho. Porto Alegre: UFRGS, 1999. 270 p.

MINAYO, M. C. S.; SOUZA, E. R. (Org.). Missão investigar: entre o ideal e a realidade de ser policial. Rio de Janeiro: Garamond, 2003. 352 p.

MOTTA, L. T. Embriaguem-se. Tradução de Enivrez-vous, 1995, disponível em: <http://teorialiterariaufrj.blogspot.com.br/2009/05/ baudelaire-enivrez-vous-e-suas.html>. Acesso em: 16 dez. 2015.

MÜLLER, D. Z. Uma polícia especial: possibilidades de prazer no trabalho dos policiais militares do pelotão de operações especiais. 2012. 113 f. Dissertação (Mestrado. em Psicologia Social e Institucional) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

NARDI, H. C.; TITTONI, J. Subjetividade e Trabalho. In: CATTANI, A. D.; HOLZMANN, L. (Org.). Dicionário de trabalho e tecnologia. 2. ed. Porto Alegre: Zouk, 2011. p. 375-378.

NERI, R. Anti-Édipo / Psicanálise: um debate atual. *Ágora*, Rio de Janeiro, v. VI, n. 1, p. 21-43, jan./jun. 2003.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. Apresentação. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Org.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 7-16.

PAULON, S. M. A Análise de implicação como ferramenta na pesquisa-intervenção. *Psicologia e Sociedade*, Porto Alegre, v. 17, n. 3, p. 18-25, set./dez. 2005.

REY, A. Le Robert Micro: dictionnaire d'apprentissage de la langue française. 3. ed. Paris: Poche, 2006. 1506 p.

RIO GRANDE DO SUL. Sujeitos e Instituições: modos de cuidar e tratar: programa de saúde mental para os trabalhadores da segurança pública: uma visão cartográfica. Relatório do Programa de Saúde Mental para os Trabalhadores da Segurança Pública, 2002. 208 p.

ROCHA, M. L. Psicologia e as práticas institucionais: a pesquisa intervenção em movimento. *Psico*, Porto Alegre, v. 37, n. 2, p. 169-174, maio/ago. 2006.

ROCHA, M. L.; AGUIAR, K. F. Pesquisa-intervenção e a produção de novas análises. *Psicologia: Ciência e Profissão*, Brasília, v. 23, n. 4, p. 64-73, dez. 2003.

ROLNIK, S. Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina/UFRGS, 2006. 248 p.

ROSÁRIO, N. M.; AGUIAR, L. M. Pluralidade metodológica: a cartografia aplicada às pesquisas de audiovisual. *Revista Comunicación*, Sevilla, v. 1, n. 10, p. 1262-1275, 2012.

ROSSI, E. Z. Método de pesquisa em Psicodinâmica do Trabalho. In: MENDES, A. M.; MERLO, Á. R. C.; MORRONE, C. F.; FACAS, E. P. (Org.). Psicodinâmica e Clínica do Trabalho: temas, interfaces e casos brasileiros. Curitiba: Juruá, 2010. p. 113-124.

SCHLINDWEIN, V. L. D. C. Apresentação a coletânea: desafios e perspectivas da Psicologia do Trabalho no campo da saúde mental. In: SCHLINDWEIN, V. L. D. C. (Org.). Saúde mental e trabalho na Amazônia: múltiplas leituras sobre prazer e sofrimento no trabalho. Porto Velho: EDUFRO, 2013. p. 9-14.

SPODE, C. B.; MERLO, Á. R. C. Trabalho policial e saúde mental: uma pesquisa junto aos Capitães da Polícia Militar. Psicologia: Reflexão e Crítica, Porto Alegre, v. 19, n. 3, p. 362-370, 2006.

TRAESEL, E. S.; MERLO, Á. R. C. Somos sobreviventes: vivências de ser servidor público do INSS diante dos novos modos de gestão e a precarização do trabalho na reforma gerencial do serviço público. Cadernos de Psicologia Social do Trabalho, São Paulo, v. 17, p. 224-238, 2014.

TRENTINI, L. B.; BOTTEGA, C. G.; DORNELLES, R. A. N.; MERLO, Á. R. C. A Saúde no trabalho dos oficiais da Justiça Federal de Porto Alegre. Revista HCPA, Porto Alegre, v. 30, p. 215-215, 2010.

TRIPP, D. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443 - 466, set./dez. 2005.

ZIEBELL, M. R. Para pensar dispositivos analíticos na prática da psicologia na saúde e trabalho hospitalar. Revista Mal-Estar e Subjetividade, Fortaleza, v. XII, n. 3-4, p. 745-766, set./dez. 2012.

Percorrendo os (des)caminhos da produção de uma tese a partir da Clínica Psicodinâmica do Trabalho

Resumo

O presente depoimento visa problematizar e discutir a produção acadêmica nos (des)caminhos que se apresentam no encontro com o Campo. Pensar a escrita da tese como trabalho, sujeito aos desafios do encontro com o real. A pesquisa partiu do olhar da Clínica Psicodinâmica do Trabalho e teve como objetivo, refletir sobre aspectos transversalizadores do trabalho do policial civil, em sua relação com processos de subjetivação, na perspectiva do acionamento de potência de vida. A metodologia fugiu ao *strictu sensu* da Psicodinâmica do Trabalho, adotando a perspectiva cartográfica. Neste percurso, foram realizadas entrevistas individuais com policiais civis de diferentes cargos e lotações. O processamento das falas foi efetivado por meio do entrelaçamento teórico, entre a Psicodinâmica do Trabalho e a Esquizoanálise. Na bricolagem de saberes e práticas, entende-se estar a possibilidade da construção de conhecimento que permita a passagem da vida e a produção de possibilidades de mudanças e deslocamentos institucionais.

Palavras-chave

Produção Acadêmica; Esquizoanálise; Psicodinâmica do Trabalho; Polícia Civil.

Stepping through the (mis)directions of the production of a thesis from Clinic Psychodynamic of Work

Abstract

This statement aims to question and discuss academic production in the (mis) direction that arise in the encounter with the field. Thinking the writing of the thesis as work, subject to the challenges of meeting the real. The research came from the look of the psychodynamics of Work Clinic and aimed to reflect on transversal aspects of the civil police work in its relationship to subjective processes in the drive of life power perspective. The methodology fled the strict sense of the psychodynamics of work, adopting the cartographic perspective. In this way, individual interviews with police officers in different positions and manning were held. Processing of the speech was effected by means of the theoretical intertwining between the Psychodynamics of Labor and the Schizoanalysis. In bricolage knowledge and practices, it is understood to be the possibility of building knowledge that will allow the passage of life and the production of changes and institutional shifts possibilities.

Keywords

Academic Production; Schizoanalysis; Psychodynamics of Labor; Civil Police.



Caminando por les (mal)direccions de de la producción de una tesis desde la Clínica Psicodinámica del Trabajo

Resumen

Esta declaración tiene como objetivo cuestionar y discutir la producción académica en el (mal)dirección que surgen en el encuentro con el campo. Pensando en la escritura de la tesis como trabajo, con sujeción a los desafíos de cumplimiento de lo real. La investigación provino de la mirada de la Psicodinámica de la Clínica Trabajo y tuvo como objetivo reflexionar sobre transversalizadores aspectos del trabajo de la policía civil en su relación con los procesos subjetivos en la perspectiva de accionamiento de la potencia de la vida. La metodología huyó el sentido estricto de la Psicodinámica del Trabajo, adoptando la perspectiva cartográfica. De esta manera, se llevaron a cabo entrevistas individuales con los agentes de policía en diferentes posiciones y dotación. Procesamiento del discurso se efectúa por medio de la interrelación teórica entre la Psicodinámica de Trabajo y el Esquizoanálisis. En el conocimiento y las prácticas de bricolaje, que se entiende como la posibilidad de construir el conocimiento que permita el paso de la vida y la producción de cambios y turnos institucionales.

Palabras-clave

Producción Académica; Esquizoanálisis; Psicodinámica del Trabajo; Policía Civil.

Autoria

Tatiana Cardoso Baierle

Doutora em Psicologia Social e Institucional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora Assistente da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. E-mail: tatibaierle@gmail.com.

Endereço para correspondência

Tatiana Cardoso Baierle. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Faculdade de Psicologia. Av. Ipiranga, 6681, Prédio 11, 8º andar, Partenon, Porto Alegre, RS, Brasil. CEP: 90619900. Telefone: (+55 51) 33203550.

Como citar esta contribuição

BAIERLE, T. C. Percorrendo os (des)caminhos da produção de uma tese a partir da Clínica Psicodinâmica do Trabalho. *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, Belo Horizonte, v. 2, n. 5, p. 930-975, dez. 2015.

Contribuição Submetida em 15 nov. 2015. Aprovada em 26 dez. 2015. Publicada online em 19 jan. 2016. Sistema de avaliação: Double Blind Review. Avaliação sob responsabilidade do Núcleo de Estudos Organizacionais e Sociedade da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais. Editores especiais: Admarco Bonifácio Gomes Junior, Fernanda Tarabal Lopes e Ludmila de Vasconcelos Machado Guimarães.

